

# Era uma vez..., revista de Vovô Felício para os seus netinhos — um projeto de leitura

**EDSON NASCIMENTO CAMPOS**

*Professor Adjunto de Língua Portuguesa do Departamento de Letras Vernáculas, FALE/UFMG. Doutor em Educação pela Faculdade de Educação, USP*

“— Vovô Felício, com licença.  
— Pois não, João Bolinha. Que você quer perguntar?  
— Eu quero saber o que é cometa.  
— Eu sei. Disse Maria Angelina.  
— Então diga, minha neta.  
— Cometa é uma estrela de rabo luminoso.  
— Sim, Maria Angelina. É o que parece. E essa definição serve muito bem para vocês, agora. Mais tarde, quando crescerem, procurarão saber cientificamente o que é um cometa. Apenas, para que vocês compreendam porque o aparecimento de um cometa é coisa rara, o cometa é um corpo celeste que se movimenta em torno do Sol e depois vai até bem longe. Só muitos anos depois ele volta e torna a passar bem perto do Astro-Rei.  
— Vovô Felício pegou um lápis e, num pedaço de papel, desenhou o giro do cometa ao redor do Sol. Mostrou o desenho aos netinhos e continuou:...”

(GUIMARÃES, 1976, p. 13)

## O Pacto

Um pacto de leitura pressupõe relação. E toda relação pressupõe um lugar ou conjunto de ações que cada elemento, ou agente do pacto, executa, em certa posição, no interior desse pacto. E todo lugar pode ser visualizado através de uma figura que fala de uma certa ordenação. Essa ordenação aparece no desenho que regula as ações dos agentes do pacto:

*“Vovô Felício pegou um lápis e, num pedaço de papel, desenhou o giro do cometa ao redor do Sol. Mostrou o desenho aos netinhos e continuou...”*

*(GUIMARÃES, 1976, p. 13)*

Um pacto de leitura, pode reservar o lugar de Sol para *aquela que escreve* um texto e o lugar de cometa para *aquela que lê* esse texto ao executar a linha prevista para o seu movimento, na trajetória que realiza sob o círculo de atração do Sol. E esse, ao ocupar a posição centralizadora de quem controla o movimento dos cometas, administra as ações de escrever e de ler: nesse lugar, o Sol ocuparia a posição de centro autocrático de onde emanam as decisões a serem tomadas no corpo do texto.

Sob o regime de um pacto, o leitor poderá vestir a roupagem ficcional de um leitor-ideal uma vez que deve responder aos movimentos esperados por um autor-ideal: o autor, nesse caso, responde, simetricamente, aos movimentos do leitor, articulando o quadro das expectativas previstas para quem lê. Nesses termos, as figuras ficcionais de Vovô Felício e de seus netinhos respondem ao figurino ideal do pacto. Mas todo pacto pressupõe a relação do autor-ideal com o leitor-ideal e com o leitor-empírico uma vez que o leitor-empírico não é obrigatoriamente o leitor-ideal de um projeto particular: ele pode ser o leitor de outros pactos de leitura e, como tal, pode não se conformar aos moldes do modelo de leitor-ideal que um pacto determinado prevê.

## O Periódico

Um pacto reside na perspectiva de um projeto. E esse projeto pode ter, por exemplo, uma perspectiva de leitura como a que se delinea em **Era uma vez... Revista de Vovô Felício para os seus netinhos**. Trata-se de um periódico infanto-juvenil, editado em Minas Gerais, por Vicente Guimarães, no período de 15 de abril de 1940 a dezembro de 1947. Como propriedade da Gráfica Queiroz Breyner, de Belo Horizonte, consiste em uma publicação quinzenal, com uma periodicidade bastante

regular, perfazendo, ao longo desses sete primeiros anos de editoração, um total de, aproximadamente, 180 volumes.

As observações feitas, aqui neste artigo, estão localizadas nos volumes que formam esse período editorial de **Era uma vez..., Revista de Vovô Felício para os seus netinhos** e estão presentes nos doze números que formam o conjunto editado no período de 15 de abril de 1940 a 01 de outubro do mesmo ano.

Esses traços ligeiros formam um pequeno quadro mais imediato em que se registra a produção de **Era uma vez...**. Além desse quadro, o contexto de manifestação da literatura infanto-juvenil no mercado brasileiro, circunscrito, sobretudo, às décadas de 30, 40 e 50, revela uma convivência particular do nacional com o estrangeiro. E essa convivência não é pacífica.

Essa referência faz sintonia com um pequeno trecho que assinala a participação de Vicente Guimarães na trincheira de resistência contra a internacionalização do produto e do processo de produção da leitura e do leitor infanto-juvenil brasileiros:

*'Lá pelos idos de 37/38, Vicente era inspetor de ensino. Contato com as crianças nas escolas era o que não faltava, mas havia também uma certa apreensão pelo derrame de histórias em quadinhos de gangsters, criminosos, FBI.'* (BRITES, 1992)

E na sintonia com essas referências, pode-se fazer a aproximação da revista **Serviço Social**, que "foi criada em 1940, originando-se do grupo de Ação Social, católico, atuante no Rio de Janeiro desde 1936, voltado para intervir nos problemas sociais brasileiros a partir da Doutrina Social da Igreja." (BRITES, 1992) Em texto de tal revista fica patente o tom alarmante na caracterização, e no combate, da literatura infantil considerada de má qualidade por sujeitar a criança à ação poderosa do mal, sob a forma de revistas, que atenta contra a sua saúde espiritual ou contra a integridade de sua personalidade e que, por ser objeto de uma direção mal orientada, produz elementos que são inúteis, ou nocivos, à sociedade.

De observação em observação, o que se pode ver, em linhas gerais, é que a Revista **Era uma vez...** faz parte de um contexto de produção dividido por orientações divergentes quanto ao sentido da literatura infanto-juvenil. Em outras palavras, a divergência parece se situar no pólo de um certo capitalismo nacional que se opõe ao pólo de um capitalismo internacional, fortemente marcado pela presença norte-americana, quando se defrontam com o território da produção, da circulação e da recepção da cultura literária infanto-juvenil brasileira.

A um pólo pertence a negatividade que promove a desintegração

do jovem que lê: é a literatura estrangeira, nociva à saúde do espírito, ou da personalidade. A outro pólo pertence a positividade de uma literatura nacional que respeitaria os limites da integração do leitor, propiciandolhe uma experiência sadia de leitura.

Se por um lado a leitura é pensada como atividade que promove a desintegração, por outro lado é vista como atividade que propicia a integração: atividade que teria, como a Medicina, uma ação curativa, o que não se exclui, com isso, a sua ação preventiva.

*“Tal preocupação com a leitura infantil demonstra que a Igreja Católica assumiu importante papel nesse controle, integrando-o em seu projeto de Assistência Social, encarando a produção cultural voltada para crianças como espaço problemático, a ser saneado por uma produção alternativa.”*

(BRITES, 1992)

Amparada nesses termos, **Era uma vez...** objetiva ser uma alternativa de textos sadios para mentes sãs. Por isso, ela não é uma revista que tenha a fisionomia das histórias em quadrinhos estrangeiras de seu tempo, ainda que, nela, haja uma pequena produção quadrinizada que convive com muitos e variados objetos para a leitura e o leitor.

Para a formação social das crianças e dos jovens, a linguagem da propaganda promove não só objetos, mas atitudes, práticas, hábitos, ações, crenças que se mostram quando se faz a promoção de programas radiofônicos infanto-juvenis, agentes e instituições financeiros, livros para a criança e para o jovem, escola, calçados, livraria, suco, guaraná, bala, fogos de artifício, papelaria e gráfica, açúcar, açougue, serviços médicos, revistas especializadas na formação da criança e do educador, talco, conta bancária infantil, investimento em apólices de seguros, poupança financeira, assinatura de revista infanto-juvenil: **Era uma vez...**

Para as diversas atividades e ações da Leitura e do Leitor, entre mercadorias como talco, revista, fotos, ou escrever cartas, circulam **textos** que formam as histórias de capa sob a forma de imagens de vultos e eventos históricos ou sob a forma de fábulas e pequenos contos moralizantes. Ou, ainda, os **textos** das tiras de quadrinhos, dos problemas matemáticos, das curiosidades e dos conhecimentos gerais, das atas dos eventos escolares (auditórios, reuniões), das cartas da correspondência de Vovô Felício, das histórias que os netinhos contam, das histórias do Pai João, das Palestras do Vovô Felício, do pequeno agricultor, das histórias de D. Matemática, ...

Para a formação social da infância, sob o ângulo de práticas que promovem instantes lúdicos de lazer, de diversão, de conhecimento, tem-

se um conjunto de itens que podem ser reunidos nas seguintes rubricas: fatos engraçados e anedotas, desenhos para colorir, charadas e perguntas. E mais: pequenas tiras de quadrinhos, cartas enigmáticas, problemas, historietas, tabuada ilustrada, erros de linguagem, palavras cruzadas, objeto para montar, perguntas e respostas, gravura-problema, passatempo, curiosidades técnico-científicas.

E para manter ou conquistar, sedutoramente, as crianças e os jovens, fazendo com que eles se prendam às linhas da revista, **Era uma vez...**, há a prática dos concursos de fotografias, de redações, do riso, dos milionários, do nome para a boneca de uma personagem literária, distribuindo-se prêmios como livros, caderneta de poupança, mobiliário pessoal de biblioteca infantil, acompanhados de balas, de refrigerantes. E há, ainda, a prática sedutora de trocar cartas com o Vovô Felício e de vê-las publicadas na revista. Como há também a prática de publicação, em **Era uma vez...**, das fotos dos leitores e a prática de seu registro no livros dos “adorados netinhos” do Vovô Felício.

O projeto de leitura de **Era uma vez...** propõe e executa, pois, a articulação higienizadora da relação que se estabelece entre o autor-ideal e o leitor-ideal: uma vez que existem outros projetos de leitura que pressupõem, em termos ideais, outros autores e outros leitores e uma vez que existem leitores-empíricos disponíveis para outros projetos alternativos, Vicente Guimarães coloca, no circuito da produção, da circulação e da recepção, a força da ação integradora da editoração de seu periódico contra a ação desintegradora de outras revistas. Como tal, **Era uma vez...** se destina a oferecer a medicina dos textos sãos para uma ação higiênica na formação mentes sãs e isso se faz com o controle autocrático de uma editoração que se inspira no movimento que o Sol articula, agenciando a trajetória dos cometas.

## Os Movimentos

E a leitura, nesse projeto, pode ser desenhada a partir da observação dos movimentos que ali seriam experimentados, nos doze primeiros números que formam a edição de 1940, ano de implantação do projeto.

### Movimento 1: a Correspondência de Vovô Felício

O projeto, por exemplo, executa o movimento de realização da leitura numa seção em que Vovô Felício e seus netinhos trocam cartas: a *Correspondência de Vovô Felício*.

Com que sentidos?

Correspondência tem o sentido de “troca de cartas...” (HOLANDA FERREIRA, 1975). Mas tem, ainda, o sentido de “conforme” presente em relação de correspondência ou relação de conformidade. E correspon-

dência tem, também, o sentido de “regra por meio da qual um ou mais elementos de um conjunto se associam a cada elemento de outro” (HOLLANDA FERREIRA, 1975).

Logo, o sentido geral da *Correspondência de Vovô Felício* está no jogo que se pretende jogar com as cartas: a constituição da associação multiplicada dos netinhos, que devem, nessa tarefa, agir conforme a direção dos significados editoriais presididos pela figura do Vovô, a figura ficcional que o Editor da revista cria. Nesses termos, o Vovô é o agente que pretende articular o movimento de outros agentes, os netinhos: pretende ser o Sol em torno de quem devem girar os cometas.

Assim fazendo, o que se pretende instaurar é a relação autor-ideal/leitor ideal e, por conseguinte, a posição dos constituintes de uma relação, cujas ações formariam o estilo de cooperação previsto para a Revista nos limites da estrutura de espera em que o periódico se situa. Na busca do leitor-ideal, o editor, vestindo-se de autor-ideal, procura a condição biográfica do leitor-empírico. Vale lembrar que todo leitor, não é apenas, potencialmente, leitor-ideal de determinado projeto. Ele é também leitor empírico e, como tal, tem um endereço, tem uma história, tem sexo, e pode ser ele um leitor de outros projetos concorrentes.

E as cartas seguem os trilhos que as levam na direção do Sol. E o Sol, em resposta procura mantê-las na direção que as fazem aproximar de si. E que as fazem integrar a relação formadora do pacto de leitura, o que pressupõe, ainda, a rejeição dos significados que abalem os limites esperados do pacto.

Circulam cartas:

• **Alice Resende** (Colégio Nossa Senhora das Dores, de São João del-Rei)

*“Está comigo sua cartinha acusando o recebimento das revistas. Façam sempre assim; quando extraviar algum número, me escrevam. Como vai o Grêmio? Mande notícias.” (8,01/08/40)*

• **Jose Luiz Furtado de Mendonça** (Brasópolis)

*“Recebi sua cartinha e a história que você mandou. Tomei a liberdade de resumir um pouco a sua história para mostrar a você como é fácil resumir. Você naturalmente, tem aí o original. Compare um com o outro e observe. É assim que se aprende.” (1,15/04/40)*

• **Benone Antunes Coura** (S. Gotardo)

*“Sua poesia é muito bonita, mas não posso publicá-la. A nossa revista não cogita da guerra européia e não toma partidos. Escreva sobre outro assunto, e poesias pequenas.” (8,01/08/40)*

• **Antonio Miranda** (Luz)

*“Mande uma reportagem completa da fundação do clube de leitura, com o nome, a diretoria, etc.” (12, 1/10/40)*

• **Paulo Miranda** (Sabinópolis)

*“Não perca tempo em fazer versos. Mande suas colaborações em prosa. Invente uma história bem bonita e mande.” (12, 1/10/40)*

• **Cleide Inês Cassimiro** (Belo Horizonte)

*“Rosinha agradece o nome que você mandou para a boneca. Fiquei muito contente em ter você entre minhas netinhas. Você precisa ajudar Vovô Felício na divulgação de **Era uma vez...** aqui na Capital. Ficarei muito grato por tudo que você fizer por nossa revista.” (3, 15/05/40)*

• **Marcio Geraldo de Azeredo Horta** (Belo Horizonte)

*“Recebi sua cartinha e o retrato. Muito obrigado. Seu retratinho será publicado no próximo número.” (9, 15/08/40)*

• **Maria da Conceição** (São Brás do Suassuí)

*“Recebi a cartinha que você e seus colegas me enviaram. Agradeço o interesse que têm tido pela revista. Já registrei todos como netinhos de Vovô Felício. Podem mandar colaborações.” (12, 1/10/40)*

• **Lourdes Catane** (Guaxima)

*“Muito obrigado pela valsa que você me ofereceu na ‘Hora da Saudade’, da Rádio Difusora de São Paulo. Estava muito bonita, foi a última que tocaram.” (1, 15/04/40)*

• **Raimundo Bernardo Almeida** (Grupo Escolar “Interventor Valadares” - Carangola)

*“Recebi sua cartinha comunicando-me a fundação do Clube de Leitura ‘Vicente Guimarães’. Vovô Felício agradece a atenção que tiveram para com o diretor de ‘Era uma vez...’. Em registrado postal, já seguiram alguns livros para a biblioteca do novo clube. Quanto ao retrato, fico devendo. Devo tirá-lo breve e remeterei um a vocês. Mande-me a diretoria do Clube para eu publicar, bem assim notícias das sessões.” (8, 01/08/40)*

• **Antonio Paulo de Brito** (Sto. Antonio do Monte)

*“Recebi sua cartinha e fiquei contente em saber que **“Era uma vez...”** está sendo apreciada pelos alunos de d. Zilá. Nós estamos precisando de um agente de assinaturas aí; você quer o lugar? Escreva-me sobre o assunto, enviando-me uma carta de autorização de seu pai. Precisamos fazer muitas assinaturas em Santo Antonio do Monte, onde as crianças gostam muito de boas leituras.” (8, 01/08/40)*

Pelas cartas, o Editor da Revista, vestido de Vovô Felício, na pele de um autor-ideal, procura exercer o controle da circulação da revista. Além disso procura controlar a produção e o comportamento da recepção. Tudo isso sob o movimento de uma administração centralizadora que procura colocar o leitor empírico nos limites esperados pelo pacto de leitura.

Mas a relação do autor-ideal com o leitor-ideal está sujeita a movimentos que partem de outras esferas, incluindo-se, evidentemente, aí, a esfera do leitor empírico.

De um lado, o movimento das cartas faz circular, em uma esfera, ou trilho, significados que procuram falar a mesma linguagem: falam significados marcados com o sentido da semelhança, que é a direção de linguagem esperada pelo pacto. E, por conseguinte, é a direção de linguagem que perpassa a constituição da relação intersubjetiva, articulando produtivamente o pacto. Nesse caso, o leitor-ideal usa uma linguagem que se esforça por reproduzir os significados esperados.

De outro lado, o movimento das cartas faz abrir o espaço da relação intersubjetiva, em outra esfera, para a entrada de significados que jogam o jogo da réplica e da contra-réplica na relação de Vovô Felício com os seus netinhos e outros interlocutores: o **leitor empírico** resiste em participar do pacto de leitura na direção em que o autor-ideal acena. Nesse caso, a relação de leitura se abre para a diferença e, com isso, acenam-se para outras direções que articulariam uma nova imagem de leitor-ideal. Isso, até certo ponto, colocaria limites na ambição totalizante do Sol no jogo de constituição da relação ideal de leitura com os cometas. Nesse outro caso, o leitor empírico, agente de um outro pacto de leitura, abre-se para o uso de uma linguagem que transformaria os significados esperados.

Das réplicas dos leitores surge, então, a contra-réplica de Vovô Felício.

**Terezinha, Maria Flavia, Elza, Beatriz Maria e Diva Viana Macedo** (Pirapora)

*“Vocês disseram que a nossa revista é boa, mas é cara. De fato, minhas netinhas, ”ERA UMA VEZ...” custa um pouco mais que as outras publicações destinadas às crianças. Mas vocês mesmas reconhecem que é uma revista boa. Naturalmente uma coisa boa custa um pouco mais que uma coisa menos boa. E depois, 2\$000 por mês, ou 20\$000 por ano, não é muito. No próximo número, vamos escrever sobre o preço de nossa revista.” (2,01/05/40)*

Ao tratar das “*outras publicações destinadas às crianças*”, Vovô Felício está fazendo referência à competição praticada pelas revistas es-

trangeiras que circulam no Brasil. Essa competição se faz com melhores condições de preço pelo fato de o produto estrangeiro possuir, também, melhores condições técnicas de editoração, o que o faz jogar um jogo competitivo que é desfavorável para as revistas nacionais, entre elas, **Era uma vez... .**

As resistências ao pacto de leitura localizam-se, é claro, não só no comportamento mais imediato do leitor. Situam-se, também, no jogo econômico em que se dá, por exemplo, a produção da cultura infanto-juvenil no Brasil dos anos 40, repercutindo, evidentemente, no dia-a-dia do leitor. Aí a defesa do nacional, ou do brasileiro, em prejuízo do que é internacional, faz surgir a batalha saneadora de **Era uma vez... .**

É claro que esse jogo de resistências ao projeto de **Era uma vez...** acaba tecendo ressonâncias em outras cartas de Vovô. E aí fica claro o sentido da divisão que atravessa a editoração do pacto de leitura.

É o que explica, pois, o tom de humildade, de ressentimento e gratidão que colore o comportamento do autor-empírico, dividido entre a face real e a face ideal do projeto de leitura nesse ano de 1940, quando o pacto vai sendo implantado entre os afagos da semelhança e as arestas da diferença. Nessa época, Vovô Felício escreve para uma professora.

• **Magda Ribeiro** (Santa Rosa-S.Paulo)

*“Mais uma vez tenho a oportunidade de agradecer-lhe o que tem feito por nossa revista. Infelizmente, nem todos compreendem o seu valor e o sacrifício que fazemos para mantê-la neste início de vida. Alguns se limitam a elogiá-la, esquecendo-se de que é indispensável o apoio material, sem o qual não poderemos progredir. Se todos fizessem como a senhora, estaríamos muito bem. Muito obrigado.” (8, 01/08/40)*

É a partir da articulação desse jogo de réplicas e contra-réplicas que se pode entender a *Correspondência de Vovô Felício* como troca de cartas que pretende articular a sua voz como agente no domínio da produção, da circulação e da recepção de uma revista que objetiva firmar-se, ou afirmar-se, como dominante na luta pela conquista da cultura infanto-juvenil do seu momento histórico.

É pensando nessas réplicas, que estão no fundo dos significados das cartas, que se pode entender o caráter de arregimentação militar que perpassa o plano de constituição da associação de leitores que se denominam netinhos e netinhas de Vovô Felício. E a constituição dessa associação ganha o seu sentido explícito com a finalidade que preside a contra-réplica do jornalzinho, **O Porta Voz**, no número 12 da revista, **Era uma vez...**, de 01/10/40, no texto do editorial assinado por Bibinha da Anunciação Carapuça.

### “CRUZADA JUVENIL DA BOA IMPRENSA

*Meus companheiros.*

*Estive uma semana no Rio de Janeiro em companhia de Vovô Felício. Fui como seu secretário. Estava linda a Cidade Maravilhosa. Gostei muito do passeio.*

*Trouxe uma grande novidade para vocês: lá no Rio cuidam também seriamente da imprensa juvenil. Essas publicações importadas que são traduzidas para nossa língua e espalhadas pelo Brasil inteiro, começam a ser observadas com mais atenção pelos educadores que já percebem o mal causado por elas.*

*Cuidam mesmo de fundar uma CRUZADA JUVENIL DA BOA IMPRENSA que terá por fim difundir, por todos os meios, a boa literatura, isto é, aquela que trace às gerações sadios rumos espirituais, cívicos e morais, bem como os princípios de defesa da saúde, alicerces do revigoramento da raça.*

*Vejam só! Tudo de acordo com o que tanto deseja o Vovô Felício, e com aquilo que já escrevemos a alguns números atrás.*

*Mãos a obra, companheiros, o assunto é importantíssimo e o momento bastante oportuno. Chega de tanta inércia. Não podemos continuar a receber de braços cruzados essas histórias de “gangsters” e de aventuras baratas. Breve a CRUZADA JUVENIL DA BOA IMPRENSA virá até Minas. Vovô Felício vai trabalhar por ela e conta com o apoio de todos nós.”*

### “BIBINHA DA ANUNCIAÇÃO CARAPUÇA”

Se o sentido de arregimentação dos netinhos fica claro nesse texto, fica claro também o sentido da luta pela supremacia da produção literária infanto-juvenil. E nessa luta fica, também, evidente o uso do sentido militar conferido ao movimento, legitimando uma ação repressivo-militar no controle da produção da literatura, ou da leitura, o que não legitimaria, apenas, a ação exclusiva de um controle executado pela ação estritamente ideológica.

Enfim, a *Correspondência de Vovô Felício* é a seção do periódico, **Era uma vez...**, que objetiva, através da troca de cartas e da ressonância das cartas com outros textos do periódico, a constituição do autor-ideal em relação com os leitores-ideais: os netinhos e netinhas do Vovô Felício. Como tais, ocupam a posição ideal de cometas, ou de dirigidos, agindo conforme o sentido editorial da revista, fixado a nível mais imediato pelo autor-ideal: o Vovô, o Sol, ou o dirigente. Em tal constituição fica, pois, desenhado o estilo burocrático de cooperação previsto para o pacto de leitura, e, simultaneamente, a constituição do próprio periódico, que na luta com outras publicações do seu momento histórico, precisa afirmar-

se como vitoriosa, firmando a posição de uma literatura do bem contra o mal, em que se articula a força dos textos são para mentes sãs.

Aliás, é o combate pela saúde da mente, através da ação de uma literatura sadia, a regra que viabiliza a associação de correspondência dos elementos do grupo dos leitores-empíricos com o grupo dos leitores-ideais dos netinhos, liderados pela ação educativa de Vovô Felício, o que justifica, então, o sentido moral das cartas que circulam pela *Correspondência de Vovô Felício*.

### **Movimento 2: as Palestras de Vovô Felício**

Numa outra seção, Vovô Felício escreve os editoriais de sua Revista, executando um outro movimento do projeto: as *Palestras de Vovô Felício*.

As *Palestras* executam o que Vovô Felício intenciona: uma atividade de linguagem com a qual se materializa, persuasivamente, a afirmação e reafirmação das direções fundamentais do pacto de leitura que objetiva ver implantado.

Nesse sentido, as *Palestras* formam o espaço em que, também, se exercitam os movimentos de constituição da relação autor-ideal/leitor-ideal. É aí que se explicitam e se repetem os movimentos dos significados que formam o horizonte de expectativas, ou a estrutura de espera, em que se delinea o estilo de cooperação do pacto de leitura em movimento.

As *Palestras de Vovô Felício* revelam, pois, no seu conjunto, um aspecto dominante: a ambição de universalidade que orienta o seu projeto editorial: a conquista da universalização da figura do leitor-ideal, do autor-ideal, da revista.

Mas é procurando espaço para a revista entre os leitores, ou procurando leitores para a revista, que se delinea, de forma um pouco mais específica, ainda que universalizante, a fisionomia religiosa do leitor-ideal e o modelo em que se baseia a constituição dessa fisionomia:

*“É uma injustiça dizer-se que as crianças preferem as histórias de ‘gangsters’. Eu conheço bem os coraçõezinhos de vocês. Sei que eles são meigos e puros. Essas histórias importadas que andam por aí desenfreadas querem corromper suas almazinhas e destruir o gosto de vocês pelas boas leituras. Mas eu conheço a criança brasileira. Sei que vocês querem uma revista que lhes distraia com cousas leves e delicadas. Nada de crimes! A criança brasileira é carinhosa, terna, boa e amiga de seu próximo. A criança brasileira tem por modelo o menino Jesus, a perfeição do amor. A criança brasileira não pode preferir as histórias de crimes.” (“Nosso aparecimento” - 2, 01/05/40)*

Se há finalidades universalizantes que mobilizariam a todos, há também, uma orientação de trabalho semiológico para a produção dos significados totalizantes de brasilidade e de nacionalidade.

É na direção desse trabalho que se explica o significado de **Era uma vez...**, que é brasileira, ou nacional por tratar unicamente de ambiente e de assunto do Brasil. Além disso, tudo o que nela está escrito foi feito unicamente para as crianças do Brasil. Ao delimitar, assim, o assunto, o ambiente e o leitor, designando-os com o significado de nacional, o que se propõe é universalizar o singular, tratando-o como único.

É aí que faz sentido o reconhecimento do significado de brasilidade, ou de nacionalidade para navio, pois, com o contratorpedeiro, Marcílio Dias, e com a revista **Era uma vez...** está em marcha universalizante a construção de um significado de Nação e de Brasil. Isto pressupõe a defesa contra a ação invasora, ou intrusa, de todo aquele agente estrangeiro que se opuser à construção desse projeto, que tem, por exemplo, como alvo, uma defesa generalizante do sentido de propriedade ao se afirmar que o Brasil é dos brasileiros. E com a direção pedagógica que caracteriza a sua ação, Vovô Felício levanta a linha da necessidade de se amar e defender o Brasil, faz o seu cruzamento com a linha da utilidade e faz um apelo que exorta a todos, ou a todas as crianças, a se mobilizarem em benefício do Brasil, da Pátria :

*“É preciso que você também contribua para a grandeza do Brasil.”  
(...)  
“E preciso que você seja útil e proveitoso a sua pátria.” (“Semana da Pátria” - 10, 01/09/40)*

Em que reside a necessidade de ser útil ? Aqui, a *Palestra de Vovô Felício*, pedagogicamente procura influir sobre tal utilidade, que é a de constituição econômico-social do Brasil, apontando as áreas em que seria efetivada a utilidade das ações de cada brasileiro. Essas ações estariam localizadas na agricultura, na agropecuária, na indústria, no comércio, no trabalho de funcionário público, no exercício das profissões liberais, na guarda da nação, como soldado ou marinheiro, no trabalho material e intelectual de cada criança patriota. Enfim, a utilidade da ação de cada um estaria orientada por uma norma, ou princípio regulador de tal ação, que articularia a todos dentro dos moldes de uma sociedade capitalista, movida pelo ideal de grandeza no conjunto das nações, nas vozes de agentes do Estado como Getúlio Vargas e Vovô Felício, e fundada sobre a divisão geral do trabalho material e intelectual.

Além de procurar influir, exortando a prática das ações de cada brasileiro nas diversas áreas da sociedade, a palestra de Vovô Felício procura exortar a formação universal da infância.

E prisioneira de uma norma, ou de um princípio que regula as ações no exercício do trabalho, que é a norma que regula a divisão do trabalho em material e intelectual, a criança de um projeto para o Brasil, que está na infância de sua constituição, precisa dos atributos do corpo e da inteligência e dos afetos mobilizadores da ação patriótica e da realização do dever na vida prática de sua formação. É este tom generalizante, que procura apagar a especificidade, o que se percebe na pequena passagem abaixo:

*“O Brasil precisa de gente sadia, de braços fortes e inteligências cultas. Prepare-se, criança; é nobre a sua missão e grande a sua responsabilidade.*

*Com amor, com patriotismo você desempenhará facilmente seu dever.*

*O dever da infância é preparar-se para as lutas de amanhã.” (“Semana da Pátria”, 10 - 01/09/40)*

Neste retrato ideal que vai sendo desenhado fica evidente o significado generalizante, que obscurece os traços da fisionomia particular da criança: a criança já está pronta e, por isso, não acrescenta aí o que poderia ser a marca de sua singularidade. O seu lugar, o seu tempo, a sua educação não trazem as marcas que fazem a diferença determinada pela ação da história. A criança faz parte de um modelo que preexiste a sua especificidade onde, por exemplo, até mesmo, a dimensão de sua altura, ou estatura, é prevista. Além disso, ela precisa ser forte tanto no físico, quanto no intelecto para enfrentar a luta entre fortes e fracos, ou entre ricos e pobres. Ela precisa cuidar do físico: precisa ser forte, pois aquele que é forte, através do exercício físico, está alinhado entre os superiores no conjunto das raças. Assim, num contexto de reaparelhamento sócio-econômico do Brasil, o reaparelhamento físico e intelectual das crianças soa como eco que tem o significado de estratégia de realização de um projeto para o país. É assim que, ao se abordar a questão da defesa do Brasil, o retrato da criança recebe os traços militares: ela é o soldado de que a Pátria precisa para a manutenção de sua integridade. Por isso, o projeto de **Era uma vez...**, como prática de leitura para a criança brasileira, tem como modelo de leitor aquela criança que precisa cultivar o intelecto a fim de ser forte na defesa da integridade do Brasil, ou a fim de ter a mente sã através de um texto são.

Ao longo dos significados das *Palestras*, perpassa o interesse que reside na caracterização e na fixação do significado de universal.

O universal constitui um certo estilo de pensar, ou de raciocinar e de agir, que investe na separação dos objetos, ou seres, distinguindo-os entre si como semelhantes e diferentes para reunir aqueles que são seme-

lhantes num quadro dominante, superior, que tem como critério de composição o traço que genericamente articula todos os objetos, ou seres, passíveis de serem agrupados por tal critério. E os que não são agrupados por tal traço genérico, formam um quadro à parte, um quadro subalterno, inferior, constituindo aquilo que neles aparece como diferença em oposição à semelhança dos que se agrupam no quadro dominante.

Faz parte desse estilo de pensar e de agir, em poucas palavras, a construção da identidade pela utilização de um traço generalizante que reúne todos os objetos, ou seres, no conjunto daquilo que se pode chamar de semelhanças e que as separa do que se chamaria de diferenças.

Nas *Palestras de Vovô Felício* está presente, pois, a ação desse estilo de pensar que é expressão daquele agente que se chama *Logos* e que, no Ocidente, constitui a cadeia dos grandes conceitos, em maiúsculas, operadores da cultura a que se atribui o qualificativo de Moderna.

Se *Logos* é um estilo de pensar que perpassa o Ocidente, pode-se perguntar sobre o valor daquilo que tem a propriedade de ser universal. O que é universal extrai o seu valor da atividade de legitimar saberes, práticas, instituições. Ou seja, aquilo que tem a propriedade do universal tem um valor legitimante.

Neste aspecto há narrativas, ou metanarrativas, que marcaram com sua função legitimante a modernidade: a emancipação progressiva da razão e da liberdade, a emancipação progressiva do trabalho alienado sob o capitalismo, o enriquecimento da humanidade inteira através dos progressos da tecnociência capitalista. Além disso, tem-se, ainda, a função legitimante da narrativa do cristianismo, na modernidade, com a pregação da salvação das criaturas através da conversão das almas à narrativa crística do amor mártir.

E as metanarrativas têm a sua função legitimante, ou procuram a sua legitimidade, não em um ato original, fundador, mas num futuro que deverá efetuar-se, ou seja, numa Idéia a realizar. Esta Idéia (de progresso, de liberdade, de riqueza, de 'luz', de socialismo, etc.) tem um valor legitimante porque é universal. Orienta todas as realidades humanas. Dá à modernidade aquilo que é característico no seu modo de ser: o **projeto**.

Se o que caracteriza a modernidade é o projeto, pressupondo a conquista de sua legitimidade através da universalidade, o que singularizaria o projeto de leitura de **Era uma vez...** seria a legitimação da modernidade brasileira a partir da industrialização dos anos 30 na medida em que sua narrativa tem em mira a constituição de agentes que pratiquem a leitura movidos pela legitimação da divisão do trabalho capitalista: nos

termos nacionalistas da Revista, objetiva-se a formação de gente sadia com braços fortes e com inteligências cultas que se disponham a trabalhar para o progresso do país, para a grandeza da Pátria no conjunto das nações. Com essa divisão de trabalho, em outras palavras, o que se objetiva é a divisão da operação burocrática do fazer e do mandar fazer, instituindo uma relação de direção em que os dirigentes controlariam, de forma centralizadora, os movimentos dos dirigidos como se esses fossem cometas articulados pelos movimentos do Sol: essa é a posição burocrática do autor-ideal e do leitor-ideal no projeto de **Era uma vez...**

### **Movimento 3: Histórias que os netinhos contam**

Numa outra seção, os netinhos de Vovô Felício têm o espaço garantido para as suas colaborações e, aí, executam outro movimento do projeto: as *Histórias que os netinhos contam*.

São eles os colaboradores que aparecem com histórias para serem publicadas e que, por isso, funcionam como exemplos para modelar os leitores à imagem e semelhança dos significados pretendidos como moralmente necessários a todos os leitores. O colaborador faz o jogo do autor-ideal, que se articularia com a construção idealizada do leitor, personificado na imagem universalizada de criança brasileira e na prática universal da relação de leitura.

As histórias fazem circular a defesa moral da aceitação da obediência e a rejeição da desobediência ao comportamento de mando das autoridades constituídas; a defesa moral do culto do amor ao dirigentes que, para o exercício da prática de submeter e censurar, precisam cultivar o amor a si para a obtenção da disciplina, da submissão. Além disso, as colaborações fazem a disseminação da defesa de uma postura monárquica para o comportamento dos dirigentes, ressaltando-se, aí, a manifestação da onipotência visível naquelas figuras que estão em todos os tempos e lugares ou que tudo sabem e que, por isso, ocupam a posição absolutista, ou centralizadora, de tudo ver e de tudo prever:

### **O Sonho<sup>1</sup>**

*“Deitei-me e, logo fechei os olhos, comecei a sonhar...  
Estava viajando. Saí de casa, passei pela Avenida, tomei um vapor e entrei no rio São Francisco, percorrendo-o até a Cachoeira de Paulo Afonso. Daí tomei o rumo do lago Lauricocha, indo pelo rio Amazonas. Continuei. Passei pelo Canal de Panamá e saí no de Suês, indo chegar no deserto de Saara. Depois de muito viajar, chego às Índias, onde os índios me queriam matar... Escapei-me, dando um tiro num pássaro, como fez Caramuru.*

*Em seguida, fui dar um passeio pela Europa, de bonde. Conversei com Mussolini, para que resolvesse acabar com a guerra; ele, porém, nem ligou... Fui à Ásia, de avião, e os chineses me trataram muito bem, até me convidaram para ser a Rainha da China! Depois, tomei um ônibus, rumei para a Oceania, mas não cheguei lá... Mamãe me acordou porque estava na hora de estudar..."*

Se, por um lado, as histórias dos netinhos fazem a defesa moral da posição de soberania, por outro lado, defendem a negação dessa soberania no comportamento do outro através da inculcação de moedas auxiliares, ou coadjuvantes, que sustentariam a posição do monarca e constituiriam a posição subalterna do súdito. E circulam moedas como: o temor, o respeito, a admiração, a impotência, a fragilidade, o desvalimento, subserviência, desprezo, orgulho, a grandeza, a riqueza e a miséria, a dependência, o medo, o castigo, a vergonha, a punição, a conservação, a reprodução, a ordem...

### **As Determinações**

A partir das histórias dos netinhos colaboradores, pode-se dizer que as dimensões levantadas pelos textos conferem às relações de administração entre dirigentes e dirigidos o sentido das relações dogmáticas.

Nesse tipo de relação, dividida pelo signo da superioridade e da inferioridade, as palavras do monarca, ou do pontífice, têm aquela marca de certeza indiscutível da qual o inferior depende, pois sem essa verdade divina o dirigido nada é. E, além do mais, embalados nas palavras de amor ao dirigente, que se faz amar para submeter e censurar, os dirigidos acabam, em termos ideais, por amar a relação de administração e as suas regras: o amor às palavras que o pontífice fala, ou escreve, e faz circular, adoçariam o exercício da submissão e a prática da censura que têm em mira a conquista da disciplina, o respeito à autoridade e a manutenção da tradição. Nessa posição de dirigente, o pontífice é o censor dos atos de desobediência ao livro sagrado das regras monárquicas da administração que dirige o reino. E que se materializam, pedagogicamente, na vocação burocratizante e conservadora da direção intelectual e moral da Pedagogia Tradicional, que é produção do catolicismo defensor das hierarquias fortemente verticalizadas. Pode-se dizer, ainda, que a estrutura das relações dogmáticas seria, enfim, uma chave para a compreensão do Estado Moderno, que atua, reproduzindo, nas páginas da Revista, **Era uma vez...**: o caráter religioso e se-

---

1 Lúcia Espescht, Curso Anexo do Ginásio Mineiro de Belo Horizonte. **Era uma vez...**, *Histórias que os netinhos contam* 15/07/1940.,

cular com que se reveste a realidade estatal, ontem e hoje, marca a orientação teológica da administração centralizadora do Estado.

Ora, diante disso, o que dizer do manejo técnico dos textos ?

Uma vez que as relações dogmáticas configuram a determinação ativa da direção dos corações e mentes, que é estabelecida pela orientação monoteísta da ação dos dirigentes políticos, o que se escreve, ou se lê, está sujeito a uma técnica de comunicação particular. Tal técnica consiste na prevalência da **reprodução** dos significados uma vez que a atividade de escrever, ou de ler, precisa praticar o serviço da perpetuação do círculo sagrado das coisas ditas, onde reside o pontífice, na defesa do semelhante, o que pressupõe um certo comportamento em quem escreve e em quem lê: o comportamento de obediência dos olhos que lêem e das mãos que escrevem ao culto do semelhante. Por isso, os textos são escritos, ou lidos, sob a pressuposição de que existem modelos onde residem os significados sagrados que servem de direção para as mentes e os corações obedientes.

Isso possibilita afirmar que, sob a estrutura das relações dogmáticas, as ações político-religiosas dos dirigentes operam no esforço de constituição de uma direção burocratizante, centralizadora e autoritária, que, por isso, se põe a serviço da **reprodução** para a conservação social. Essa orientação constituiria o horizonte de expectativas ou a estrutura de espera em que se nutre a direção para o uso da linguagem do autor-ideal e do leitor-ideal.

E, então, mais uma vez, brota a fisionomia desse par ideal: o autor e o leitor são agentes que operam na reprodução dos significados privilegiados pela direção social dominante, quando o autor ocupa o lugar daquele que manda ou dirige e o leitor ocupa o lugar de quem obedece e é dirigido, formando, pois, aquele estilo de cooperação caracterizado como burocrático. E os textos, por isso, precisam mostrar, estrategicamente, as pistas que o autor-ideal indica para a ação ideal de ler e de escrever.

O autor-ideal indica pistas: no texto, a atividade de **paráfrase** é colocada como dimensão a ser experimentada pelo leitor-ideal, ou por um outro autor-ideal, através da referência explícita da categoria de ação que lhe é inerente: a **reprodução**. Por outro lado, a **reprodução** aparece sugerida ao leitor-ideal pelo apelo implícito do autor-ideal: faz ele, aqui, uma demonstração implícita ou explícita do jogo da imitação, ou cópia. E a **reprodução**, por fim, aparece explicitamente recomendada ao leitor no apelo direto do autor-ideal ao leitor-ideal com vistas à adoção da imitação que garante a **reprodução**, a cópia.

Nesse contexto, a Educação das Letras, centrada na prática de leitura enquanto relação intersubjetiva do par simétrico autor-ideal/leitor-ideal, objetiva atuar como instrumento social de ação político-ideológi-

ca, pela ação prevalecente da reprodução dos significados dominantes. Por isso, a atividade de ler consiste na paráfrase e a sua ação se conforma à reprodução dos significados que é realizada no interior de um estilo de cooperação em que se estrutura a direção burocrática da Pedagogia Tradicional de inspiração católica: quem dirige, sabe, decide e está em relação com quem não dirige, não sabe e não decide. Tal orientação diretiva e verticalizante, reproduzindo a orientação administrativa das relações dogmáticas, determina para a leitura o sentido de **reprodução** que é inerente à organização hierárquica do Estado moderno, ou inerente ao programa administrativo, conservador, da industrialização. Nesse sentido, ler, enquanto prática centrada na **reprodução**, significa, por extensão, incorporar o que é essencial para a burocratização: o sentido da divisão hierárquica que obriga, por exemplo, a manifestação da obediência, da submissão, da disciplina como dimensões constitutivas do controle da **reprodução** voltada para a conservação da ordem estabelecida. É o que explica, no corpo dos textos, a presença dos sinais, ou pistas, que o autor-ideal indica para dirigir o comportamento do leitor-ideal, ou de um outro autor-ideal. Por outro lado, se a prática de leitura faz sintonia com a alteração da ordem econômico-social pela introdução revolucionária da industrialização no plano da produção, circulação e recepção dos periódicos infanto-juvenis, a ação inovadora da industrialização está atrelada a uma orientação político-ideológica conservadora e autoritária, com traços religiosos de direção monárquica, ou pontifical.

Nesse sentido, vale lembrar a posição oficial, ideal, e centralizadora do Estado sob a industrialização patrocinada pela administração do Estado Novo. Se o Departamento de Imprensa e Propaganda controla, de forma repressiva, ideológica e autocrática, a produção, circulação e a recepção da cultura, subordinando-a aos interesses políticos do Estado, a relação entre as classes sociais é administrada por uma política sindical que atrelaria as associações dos operários ao controle do Ministério do Trabalho. E, aí, a orientação do trabalhismo objetivaria um tratamento ideologizado das relações de trabalho, em que, por exemplo, residiria o esforço para diluir o sentido da divisão de classes. Além disso, a Educação, instrumento do Estado, deveria atuar a serviço da Nação, cuja substância teria o conteúdo de uma realidade moral, política e econômica a serem energizadas pela ação do Estado. Fica aqui registrada, por exemplo, no plano da educação moral, a defesa da educação religiosa, não só como estratégia política para cooptar o apoio da Igreja Católica ao projeto do Estado: especificamente, os católicos teriam uma ação destacada contra os comunistas, mas teriam a oferecer a prática educativo-religiosa para garantir o estabelecimento de dimensões necessárias à ordem econômico-social: a educação religiosa viabilizaria o projeto de defesa da disciplina e da autoridade e, além disso, faria penetrar no

educando o sentimento vivo da tradição, o que possibilita a circulação das verdades católicas como **dogmas**. Diante desse quadro, fica evidente a posição do Estado como força dogmática: a estrutura das relações dogmáticas pressupõe essa força de burocratização, que confere ao dirigente o lugar de pontífice, como o sol a controlar o movimento dos cometas. É esse atributo de pontífice, ou monarca, a dimensão que explica a ação paternalista e patriarcal dos dirigentes políticos e dos homens públicos, que assumem a função de reproduzir, a nível político-ideológico, o comportamento político esperado para os dirigentes do país. Não é sem sentido o fato de Getúlio Vargas figurar como o pai dos trabalhadores e Vicente Guimarães como Vovô Felício, o avô de muitos netinhos.

Com outras palavras, pode-se dizer, a partir disso, que a atividade de leitura e a ação do leitor em **Era uma vez...** respondem, em termos ideais, à exigência da constituição burocrática da criança e do jovem — essa gente sadia, de braços fortes e inteligências cultas — através de uma cruzada moralizadora que presta seus serviços de reprodução político-ideológica à modernização acelerada do Brasil industrial a partir de 30, praticada pelo Estado Novo a partir de 1937. *Texto são em mente* sã é o emblema dessa exigência moral e esclarece o sentido da disciplina no controle de quem pratica a Leitura, ou a Educação Física: o texto precisa ser a direção sadia para a conquista de mentes sãs da mesma forma que as direções para a mente precisam ser sadias para a conquista de corpos sãos, capazes de responder às exigências burocráticas da ordem social capitalista.

Em outros termos, a diretividade do projeto de leitura expressaria, a nível das operações de linguagem, a ação do monoteísmo, que constitui aquele poder absoluto para dirigir as coisas mentais, presidindo o advento das organizações nacionalistas e determinando um modo particular de aferrolhamento que pode ser chamado de Estado, o pontífice na sociedade leiga. E, aí, na tradição humana da criação praticada pelo Ocidente, o Estado mascara o seu caráter de sagrado, nos moldes de sua tradição latina, através de um culto fanático dos chefes.

E o chefe precisa falar, escrever para conquistar e dominar. Fala como dirigente do projeto de leitura, como pontífice, com a voz de oráculo que o caracteriza, sintonizado com a voz dos netinhos que contam histórias, assumindo o lugar estabelecido na rede das palavras com a posição de quem fala, ou de quem maneja o segredo dos textos. As vozes dos netinhos constituem-se, pois, com o traço de vozes coadjuvantes que formam o exército do monarca na batalha de conquista das mentes: a direção fixa as mentes como objeto de conquista, com o intuito de disseminar a submissão à palavra onipotente do pontífice, que, para censurar a fim de submeter, precisa fazer-se amado e cultuado como chefe, onde

esconderia, sob as vestes do dirigente laico, as vestes do dirigente religioso, tecidas com o sagrado que está presente na liturgia da administração de sua ação pontifical.

Se procuro bater nessa dimensão religiosa e laica do dirigente, por todos os cantos onde se faz presente a força dirigente do Estado, no projeto de leitura, por exemplo, “*é para levar em consideração, uma vez mais, de um outro ponto de vista, a cosmogonia ocidental, essa marca irrecusável e radicalmente elementar de um sistema em que a instituição, tanto quanto alhures em outras culturas, está associada à realidade sacerdotal, à geométrica definição das Leis, à designação de um círculo sagrado onde tudo está dito.*” (LEGENDRE, 1983)

É bem possível que este círculo sagrado seja, também, o espaço que preside a articulação da relação de escrever, contar, ouvir e ler histórias que une vovô e netinhos: a fala do narrador tem a orientação de quem fala de algo que está acima, num território em que o desenho das coisas já está pronto. Caberia a quem conta, escreve e a quem ouve e lê histórias apenas a reprodução dos significados que já estão prontos. É o que faz, em outros termos, o narrador, com a solenidade litúrgica de quem estabelece para o leitor-ideal a simbologia do pacto com a relação de ouvir e ler histórias.

*“Vovô Felício pegou um lápis e, num pedaço de papel, desenhou o giro do cometa ao redor do Sol. Mostrou o desenho aos netinhos e continuou...”*

(GUIMARÃES, 1976, p. 13)

E os netinhos, na posição simétrica de autor-ideal e leitor-ideal, articulando e rearticulando a condição de leitor empírico, escreveram e leram histórias sob a ação dominante da reprodução:

### **O AMANHECER**<sup>2</sup>

*São cinco horas. O galo canta despertando todas as galinhas que ainda se acham no poleiro, e os operários que pegam o serviço cedo. Os pássaros voam numa gritaria, procurando alimento para seus filhotinhos e acordando as pessoas que ainda se acham dormindo. De repente, eis que surge iluminando o espaço os primeiros raios do Astro-Rei. Os trabalhadores acordam mais descansados, fortes, e mais dispostos para o trabalho, na sua faina diária. Jornaleiros apregoam os primeiros jornais da manhã. Escolares dirigem-se às escolas para mais tarde tornarem-se cidadãos dignos do Brasil !*

### **DESCRIÇÃO DA MANHÃ**<sup>3</sup>

*Quando o dia amanhece é muito bonito. Apontam no céu os primeiros raios de sol. As aves começam com o seu canto e vão em busca de alimentos para os seus filhotes. Os trabalhadores saem de suas casas e vão alegres para a roça. Todos nós devemos levantar cedo e ver o dia amanhecer.*

### **A MANHÃ**<sup>4</sup>

*Ainda não apareceu o sol, embora os galos, pelos quintais, se alternam a cantar. De súbito surge atrás das árvores, na encosta das serras, e vai subindo, com a majestade de um rei, o sol triunfal! Rebrilham os telhados das igrejas, das casas, e as folhas verdes das árvores... Aos beijos quentes e vivificantes descidos das altas serras, vão-se abrindo as corolas, rosas e lírios, violetas e dalias e toda a variedade matizada de flores que adornam os jardins, com as pétalas irizadas, como se as gotas de orvalho as tivessem transformado em pedras preciosas. Eu gosto tanto de apreciar as lindas manhãs! Como são belas!*

### **O AMANHECER**<sup>5</sup>

*Surgia a manhã alegre e saudável. As nuvens cor de rosa faziam que a aurora fosse mais alegre.*

*Os galhos das árvores baloiçavam com o brando sopro da aragem do amanhecer. A passarada despertava com seus trinados alegres, parecendo saudar os raios saudosos do astro-rei. Os bois mugiam. Os caçadores saíam com seus cachorros para a caça; os pescadores pobres saíam com suas redes para buscar a provisão de peixes para o almoço. O campo verde jade estava molhado pelo orvalho da manhã.*

*Toda a natureza despertava-se saudando o astro rei que aparecia entre as nuvens, deixando cair sobre toda a terra os seus primeiros raios*

2 Dantas Ribeiro Jota, **Era uma vez...**, *Histórias que os netinhos contam*, 15/04/40.

3 Maria de Lourdes Carvalho, **Era uma vez...**, *Histórias que os netinhos contam*, 15/04/40.

4 Maria Bernadete Sobral de Jesus. 4º ano, 14 anos, Escolas Reunidas de São Brás do Suassuí, Profa. Maria Celeste de Souza, **Era uma vez...**, *Histórias que os netinhos contam*, 15/05/40.

5 Vera Bueno Bruzzi, 12 anos, Escola Particular de Presidente Vargas, Profa. Higinia Bueno Bruzzi, **Era uma vez...**, *Histórias que os netinhos contam*, 15/09/40

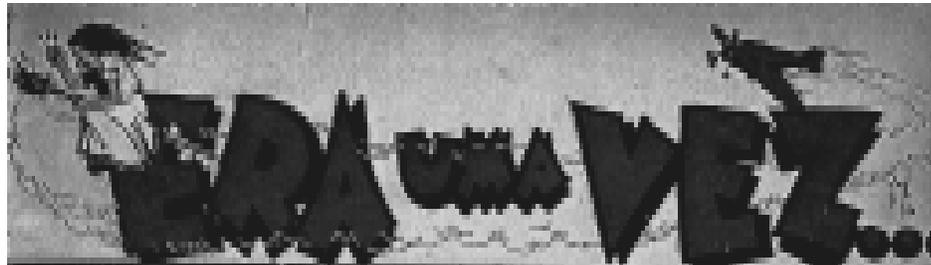
## BIBLIOGRAFIA

- APPEL, Carlos et alii. Atualidade de Monteiro Lobato: uma revisão crítica. Org. Regina Zilberman. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1983.
- BAKHTIN, Mikhail. "O Discurso em Dostoiévski". In: Problemas da Poética de Dostoiévski. Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1981. p.157-236.
- BARBOSA, João Alexandre. As Ilusões da Modernidade. São Paulo, Perspectiva, 1986.
- BARTHES, Roland. Elementos de Semiologia. São Paulo, Cultrix, 1975.
- BAUDELAIRE, Charles. "O Pintor da Vida Moderna". In: BAUDELAIRE, Charles. A Modernidade de Baudelaire; Textos inéditos selecionados por Teixeira Coelho. Trad. de Suely Cassal. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988. p. 159-212.
- BENJAMIN, Walter et alii. "O Narrador". In: Textos Escolhidos. Traduções de José Lino Grünewald et alii. São Paulo, Abril Cultural, 1980. p. 57-54. (Os Pensadores)
- BERCITO, Sonia de Deus Rodrigues. "Ser forte para fazer a Nação forte"; A Educação Física no Brasil (1932-1945). São Paulo, USP/FFLCH-Departamento de História, 1991.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O que é Educação. São Paulo, Brasiliense, 1981. p. 7
- BRASIL. Ministério da Educação e Saúde. **Panorama da Educação Nacional**; Discursos do Presidente Getúlio Vargas e do Ministro Gustavo Capanema. Rio de Janeiro, 1937. (Realizações, 1)
- BRITES, Olga. Infância, Trabalho e Educação. A revista Sesinho (1947/1960). São Paulo, PUC, 1992. (Dissertação de Mestrado)
- CAMPOS, André Luiz Vieira de. A República do Picapau Amarelo; Uma leitura de Monteiro Lobato. São Paulo, Martins Fontes, 1986.
- CAMPOS, Edson Nascimento. A relação entre o processo e o produto na escrita do texto. Educação em Revista. Belo Horizonte, 2(3): 51-52, 1986.
- CAMPOS, Edson Nascimento. Memória e Escola - A Produção do Sentido na Redação. Belo Horizonte, UFMG/FAE, 1988. (Dissertação de Mestrado)
- CAMPOS, Edson Nascimento. Memória e Escola: a produção do sentido na redação - o dito e o não dito. 2º Congresso Abralic; anais. Belo Horizonte, 1991. p. 76-87. (V. 3)
- CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. O Anti-Semitismo na Era Vargas; Fantasmas de uma geração (1930-1945). São Paulo, Brasiliense, 1988.
- CHARLOT, Bernard. A mistificação pedagógica: realidades sociais e processos ideológicos na teoria da educação. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1979.
- CHÂTELET, François et alii. História das idéias políticas. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1990.
- CHAUÍ, Marilena. "Raízes teológicas do populismo no Brasil: teocracia dos dominantes, messianismo dos dominados". In: DAGNINO, Evelina (org.) Os anos 90 : Política e Sociedade no Brasil. São Paulo, Brasiliense, 1994.
- CHAUÍ, Marilena. "Seminário: Sociedade, cultura e sindicato: ampliando os horizontes da formação sindical. " In: Promoção Programa Nacional de Formação de Formadores(RHPMF) da SNF-CUT. Escola Sindical 7 de Outubro, 1993, Belo Horizonte : Escola Sindical 7 de outubro, edição de vídeo. (01 a 03 de julho/93)
- COELHO, Teixeira. Moderno pós moderno. Porto Alegre, L & PM Editores, 1986.
- COSTA, Jurandir Freire. Ordem médica e Norma Familiar. Rio de Janeiro, Graal, 1989.
- COUTINHO, Edilberto. Amor na boca do túnel; antologia. Seleção e apresentação de Silvano Santiago. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1992.
- CURY, Carlos Roberto Jamil. Ensino Religioso e Escola Pública: o Curso Histórico de uma Polêmica entre Igreja e Estado no Brasil. **Educação em Revista**, Belo Horizonte (17): 20-37, jun. 1993.
- CURY, Maria Zilda Ferreira. Intertextualidade: uma prática contraditória. Ensaios de Semiótica, Belo Horizonte, 4(8): 117-128, 1982.

- ECO, Humberto. Seis passeios pelos bosques da ficção. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.
- FAVARETTO, Celso F. Pós-moderno na Educação? Revista da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo, 17 (1 e 2): 121-127, 1991.
- GUIMARÃES, Vicente. O menino de Diamantina. Belo Horizonte, Comunicação, 1976.
- HARDMAN, Francisco Foot. Trem fantasma: a modernidade na selva. São Paulo, Companhia das Letras, 1988.
- HOLANDA FERREIRA, Aurélio Buarque de. Novo Dicionário da Língua Portuguesa. 1ª edição. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, [s.d.]
- HORTA, José Silvério Baía. O ensino religioso escolar na Itália fascista e no Brasil (1930-45). **Educação em Revista**, Belo Horizonte (17): 64-78, jun. 1993.
- HORTA, José Silvério Baía. O hino, o sermão e a ordem do Dia; regime autoritário e a educação no Brasil (1931-1945). Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, 1994.
- JAKOBSON, Roman. Lingüística e Comunicação. São Paulo, Cultrix, 1970.
- KOTHE, Flávio R. A Alegoria. São Paulo, Ática, 1986.
- LAJOLO, Marisa. Do mundo da leitura para a leitura do mundo. São Paulo, Ática, 1993.
- LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. Literatura infantil brasileira: história e histórias. São Paulo, Ática, 1991.
- LEGENDRE, Pierre. O Amor do censor: ensaio sobre a ordem dogmática. Rio de Janeiro, Forense Universitária/Colégio Freudiano, 1983.
- LEITE, Dante Moreira. "As raízes do caráter nacional". In: LEITE, Dante Moreira. O caráter nacional brasileiro ; História de uma ideologia. São Paulo, Pioneira, 1969. p.11-33.
- LIMA, Luiz Costa. Mimesis e Modernidade. Rio de Janeiro, Graal, 1980.
- LOPES, Regina Maria Gonçalves Pereira. Burocracia na Educação. São Paulo, PUC, 1988. (Dissertação de Mestrado)
- LUCKESI, Cipriano Carlos. Avaliação da Aprendizagem Escolar: Sendas Percorridas. São Paulo, PUC, 1992. (Tese de Doutorado. V. 1 e 2 )
- LYOTARD, Jean-François. O Pós-Moderno explicado às crianças. Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1987.
- LYOTARD, Jean-François. O pós-moderno. Rio de Janeiro, José Olympio, 1990.
- MANACORDA, Mario A. O Princípio Educativo em Gramsci. Porto Alegre, Artes Médicas, 1990.
- MARI, Hugo. Sobre a produção do sentido. Boletim. Belo Horizonte, 1(2): 21-28; 1979.
- MATOS, Olgária. História e Memória. Folha de São Paulo, São Paulo, 2 set, 1984. Folheto. p. 6-7.
- MENDES, Nancy Maria. "Intertextualidade: noções básicas". In: PAULINO, Graça e WALTY, Ivete (Org.). Teoria da Literatura na Escola; Atualização para professores de I e II graus. Belo Horizonte, UFMG/FALE/Departamento de Semiótica e Teoria da Literatura, 1992. p.28-35.
- MOURA, Gerson. Tio Sam chega ao Brasil; A penetração cultural americana. São Paulo, Brasiliense, 1984.
- OSAKABE, Haquira. Argumentação e discurso político. SP, Kairós, 1979.
- PEIXOTO, Ana Maria Casasanta. Educação e Estado Novo em Minas Gerais. São Paulo, PUC, 1989. (Tese de Doutorado)
- PEREIRA, Amarildo Gomes. O Livro Didático na Educação Brasileira. Belo Horizonte, UFMG/FAE, 1995. (Dissertação de Mestrado)
- PESSANHA, José Americo. Filosofia e Modernidade: Racionalidade, Imaginação e Ética. Cadernos ANPEd, Porto Alegre, (4): 7-36, 1993.
- PINTO, Álvaro Vieira. Ciência e Existência. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985.
- RAGO, Margareth. Do Cabaré ao Lar; A Utopia da Cidade Disciplinar. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1987.
- RAMOS, Maria Luiza. "A Linguagem Figurada". In: PAULINO, Graça e WALTY, Ivete (Org.).

- Teoria da Literatura na Escola: Atualização para professores de I e II graus. Belo Horizonte, UFMG/FALE/Departamento de Semiótica e Teoria da Literatura, 1992. p.91-110.
- ROCCO, Maria Thereza Fraga. Linguagem Autoritária. São Paulo. Brasiliense, 1988.
- SANT'ANNA, Affonso Romano de. Paródia, Paráfrase & Cia. São Paulo, Ática, 1988. (Série Princípios, 1)
- SANT'ANNA, Affonso Romano de. "O Burro, o menino e o Estado Novo". In: Lições de Casa; exercícios de imaginação. São Paulo, Cultura, 1978. p.18-42.
- SANT'ANNA, Affonso Romano de. "Carnaval e Carnavalização". In: SANT'ANNA, Affonso Romano de. Política e Paixão. Rio de Janeiro, Rocco, 1987. p. 35-45.
- SANTIAGO, Silvano. "O Narrador Pós-moderno." In: SANTIAGO, Silvano. Nas malhas da Letra.. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.
- SANTIAGO, Silvano. Brasil/Estados Unidos: Relações Culturais de Dependência. **Revista de Cultura Vozes**, Petrópolis (9): 23-28, Nov. 1976.
- SANTOS AZEVEDO, Francisco Ferreira dos. Dicionário Analógico da Língua Portuguesa; Idéias Afins Brasília, Coordenada-Editora de Brasília, [s.d.]
- SANTOS, Jair Ferreira dos. O que é Pós-Moderno. São Paulo, Brasiliense, 1989.
- SEVERIANO, Jairo. Getúlio Vargas e a música popular. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1983.
- SOARES, Magda Becker. "As condições sociais da leitura: uma reflexão em contraponto". In: Leitura, Perspectivas interdisciplinares. SP, Ática, 1988.
- SOARES, Magda. Metamemória-Memórias; Travessia de uma Educadora. São Paulo, Cortez Editora, 1991.
- SOUZA, Eneida Maria de. Mário de Andrade, o representante do modernismo setentão. Caminhos. Belo Horizonte, 3(5): 78-84, 1992.
- TODOROV, T e DUCROT, O. Dicionário Enciclopédico das Ciências da Linguagem. São Paulo, Editora Perspectiva, 1977.
- TOTA, Antonio Pedro. O Estado Novo. São Paulo, Brasiliense, 1987.
- ZILBERMAN, Regina. Estética da Recepção e História da Literatura. São Paulo, Ática, 1989.





REVISTA DE VOVO FELÍCIO PARA OS SEUS NETINHOS

## O SEGREDO

ESCRITA POR  
VICENTE GUIMARÃES  
CORRESPONDENTE DE BRASÍLIA



MIRINHA, a  
filha menor do casal  
vovô Felício, era  
muito solta e corajosa.  
Um dia, ela descobriu  
em a Mãe Linda, que todos é  
chamavam pracinha.

— Quanta inocência das  
crianças e tanto grande pro-  
ver em suas atitudes e con-  
ta de suas aventuras!

— Tudo que lhe acontece,  
contava à sua mãezinha.

— Já agora a Linda preferia  
falar em segredo que não  
dava a ninguém. Mas a  
criança podia contar, estava  
proibida.

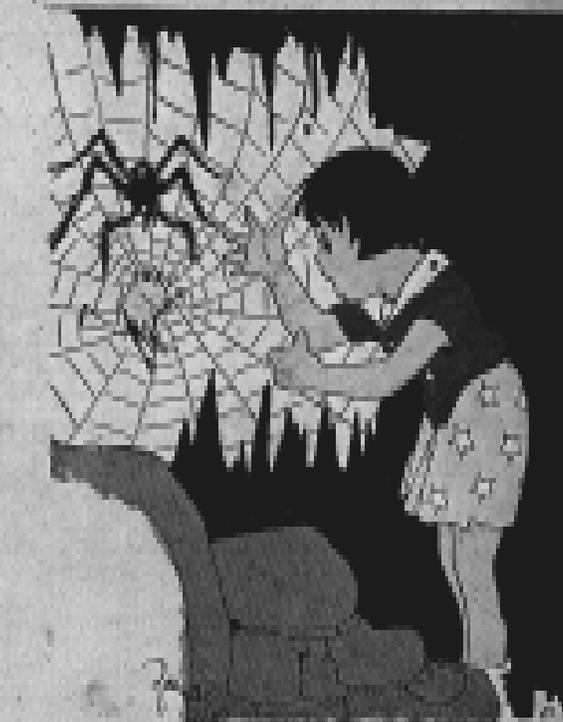
— Que tipo segredo era o  
seu? Não era nada. Não era.  
— Mirinha estava muito  
alegre. Era constantemente  
de sua personalidade por falta  
de sentido.

— Mas não lhe perguntou:

— Que tem você, mirim  
Linda, que não lhe alegro?

— Nada, mirimzinha, não  
de que é nada, não, sempre  
sou a pracinha, a pracinha,  
segredo que descobriam  
de sua alegria.

— E por que não lhe conta



de uma brincadeirazinha?

— Ora, pracinha, já se  
já tem medo disso, e depois  
não lhe trancaram.

— A mãe da Mirimzinha per-  
tinha a sua cabeça de uma afa-  
nada.

— A pracinha, sempre está a pa-

ssar de castelo, não con-  
tando com ninguém, logo  
falta de sentido.

— No passar do tempo ver-  
melho passou um tempo, e  
na sua história diz-se: fo-  
ra um tempo pracinha.

— Contando com sua...